



DE(S)COLONIZANDO SABERES:

Desembarcando Da Educação Tradicional Rumo A Uma Educação Pela Tradição Da Pesca Artesanal, Em Maretórios Fluminenses

Vittória Speranza Campos¹

Michelle Passos Araujo²

RESUMO

Esse trabalho propõe uma análise crítica da educação das comunidades pesqueiras, investigando a relação entre os saberes tradicionais e o ensino formal. Com abordagem qualitativa e fundamentação teórica na perspectiva da modernidade/colonialidade, a pesquisa investigou os impactos do ‘progresso’ nas práticas e modos de vida das comunidades pesqueiras, revelando as tensões entre a permanência das tradições e as imposições de um ‘desenvolvimento’, muitas vezes excludente. Como campo de investigação, o subprojeto: Compartilhar é construir: tradição e modernização na pesca artesanal, serviu de luneta para a reflexão sobre essas transformações, através do processo de construção de embarcações artesanais. Em suas considerações finais, este estudo reivindica uma educação popular por meio de uma abordagem de(s)colonial e práticas pedagógicas contracoloniais, sendo um ensaio que se propõe a ser propágulo para a formação de novos espaços epistemológicos que enalteçam as experiências das comunidades pesqueiras, permitindo que suas práticas se atualizem em concordância às demandas específicas nos maretórios.

¹ Tecnóloga em Gestão Ambiental, na Universidade Veiga de Almeida – UVA (2017);
Licenciada em Ciências Biológicas, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2025).
E-mail: campos.vittoria@graduacao.uerj.br

² Departamento de Ciências Ambientais, Instituto de Geografia (IGEOP)/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/Cabo Frio (2024).
E-mail: mxhelly@gmail.com

Palavras-chave: Comunidades pesqueiras. Maretórios. Tradição. Educação popular. Contracolônia.

ABSTRACT

This work proposes a critical analysis of the education of fishing communities, investigating the relationship between traditional knowledge and formal education. Adopting a qualitative approach and grounded in the theoretical perspective of modernity/coloniality, the research examines the impacts of 'progress' on the practices and ways of life of fishing communities, revealing the tensions between the persistence of traditions and the impositions of a 'development' that is often exclusionary. As its field of investigation, the subproject 'Compartilhar é construir: tradição e modernização da pesca artesanal' served as a lens for reflecting on these transformations through the process of constructing artisanal boats. In its final considerations, this study advocates for popular education through a de(s)colonial approach and counter-colonial pedagogical practices. It presents itself as an essay intended to serve as a propagule for the formation of new epistemological spaces that value the experiences of fishing communities, allowing their practices to evolve in accordance with the specific demands of the maretórios.

Keywords: Fishing communities. Maretórios. Tradition. Popular education. Counter-colonial.

1 Introdução

Nas margens dos maretórios fluminenses, onde a vida das comunidades tradicionais - sobretudo as pesqueiras - é guiada pelo diálogo com a natureza: o comportamento dos peixes, as fases da lua, as variações das águas e o ritmo das marés compõem um conjunto de memórias e (re)existências das quais emergem formas singulares de compreender, em contraponto à monocultura da mente (SHIVA, 2003) imposta pela modernidade.

Foi nesse contexto que o envolvimento com comunidades pesqueiras teve início, durante o estágio na Unidade de Conservação Integrada, Área de Proteção Ambiental de Guapi-Mirim e Estação Ecológica da Guanabara, em 2017, dedicada à proteção dos remanescentes de manguezais. Essa vivência ampliou o olhar sobre a visão de mundo contemporânea e despertou

o desejo de revisitar rotas onde saberes, antes naufragados, reemergem como correntes de pensamento, sustentadas por práticas tradicionais articuladas à conservação ambiental e ao fortalecimento social das comunidades costeiras.

Em 2021, a participação em projetos de natureza compensatória, voltados à mitigação de impactos socioambientais, revelou a potência de ações que articulam o uso sustentável da diversidade biológica com a valorização das economias tradicionais. Entre essas experiências, destacou-se o subprojeto “Compartilhar é construir: tradição e modernização na pesca artesanal”³, no litoral do estado do Rio de Janeiro. Tendo sido a partir da confluência⁴ (BISPO DOS SANTOS, 2015) entre tradição e modernização que se delineou o percurso desta pesquisa.

A inquietação central emergiu da reflexão crítica sobre os modos de produção do conhecimento vigentes na academia, marcados por uma episteme científica eurocêntrica que frequentemente desconsidera saberes e práticas tradicionais, reforçando processos de exclusão e silenciamento de narrativas locais. Esse cenário, refletido também na construção de embarcações pesqueiras, evidencia desafios como: a dificuldade do compartilhamento de saberes entre as gerações; a incorporação de novas tecnologias e a descaracterização de identidades vinculadas aos modos de vida tradicionais.

Em um contexto de resistência, Ribaric (2020, p. 39-56, *passim*) ressalta que a embarcação artesanal deixa de ser apenas mais um elemento da paisagem cultural local e transforma-se em uma expressão material da inventividade e personalidade, compondo um sofisticado sistema de saberes associados às artes de pesca e às condições náuticas locais, adaptadas aos usos e necessidades específicas.

³ Proposto pela Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinho (CONFREM), através da chamada de projetos do FUNBio, nº 14/2022 – Construção Naval Artesanal, no âmbito do Projeto Educação Ambiental, que é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal (MPF/RJ).

⁴ Refere-se a integração harmoniosa de elementos, convergindo-se e transformando-se mutuamente.

Dessa problemática derivou a questão norteadora desta pesquisa: **como fortalecer uma educação pela tradição da pesca artesanal nos maretórios fluminenses, por meio de estratégias pedagógicas em contraposição à educação tradicional imposta às comunidades?** Assim, este artigo tem por objetivo denunciar e anunciar o ensino formal tradicional, mediante uma perspectiva epistemológica desvinculada de conceitos tidos como universais, impostos a realidades particulares (MIGNOLO, 2008 apud MAIA; MELO, 2020, p. 239).

Embora existam estudos relevantes sobre práticas e saberes tradicionais, observou-se, com base nas reflexões desenvolvidas no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso, que as vozes das comunidades pesqueiras continuam sendo mediadas por terceiros, o que pode gerar barreiras estruturais à legitimação dos saberes tradicionais no campo acadêmico. O próprio processo de construção deste trabalho também pode refletir limitações e vieses na representação dos sujeitos pesquisados – o que reforça a necessidade de ampliar o protagonismo das comunidades tradicionais na produção do conhecimento.

Diante dessa compreensão crítica, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório, fundamentada em levantamento bibliográfico e análise de dados secundários, obtidos por meio de bases como Google Acadêmico, ResearchGate e Connected Papers. A pesquisa se ancora em referenciais teóricos que discutem a modernidade/colonialidade e as epistemologias tradicionais, dialogando com a perspectiva da educação popular contracolonial.

A estrutura da pesquisa reflete o seguinte percurso investigativo: na primeira seção, discutiu-se sobre a produção do conhecimento nas comunidades pesqueiras, com base em revisão bibliográfica e compilação de dados. Na segunda seção, abordou-se sobre o movimento das tradições frente à dualidade modernidade/colonialidade a partir teorias e conceitos que

permeiam o tema. Enquanto na terceira seção, analisou-se os aspectos pedagógicos das oficinas desenvolvidas no subprojeto “Compartilhar é construir”, identificando as práticas educativas que emergem como estratégias para a valorização e transmissão dos saberes tradicionais nos maretórios fluminenses.

Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa reafirma que a produção do conhecimento é atravessada por disputas de poder e que a inclusão de vozes plurais e marginalizadas é condição fundamental para uma educação que dialogue com as realidades locais. Sendo justamente essa percepção que, ao longo da formação acadêmica, impulsionou o questionamento dos modelos tradicionais de ensino, marcados pela verticalidade das relações e pela pouca acessibilidade na comunicação científica.

2 Desenvolvimento

2.1 Saberes à deriva: a produção de conhecimento nas comunidades pesqueiras

As formas de produção do conhecimento nos maretórios⁵ configuram-se subversão ao modelo teórico e estruturado do sistema dominante. Trata-se de uma produção imaterial do saber (ALVES, 2018), imersa em suas práticas - frequentemente marginalizadas em favor da tirania intelectual (SHIVA, 2003) – que resistem à uniformização dos métodos e à adoção de técnicas predatórias.

Walter Mignolo (2003 apud JOAQUIM; OLIVEIRA, 2021, p. 917) compreende que há um ‘pensamento de fronteira’, sendo a fenda que separa o saber hegemônico do saber colocado

⁵ “Termo legitimado pelas comunidades pesqueiras do litoral amazônico, sendo uma ferramenta efetiva de afirmação identitária. Usado em contraponto ao território e de definição às dimensões simbólicas e culturais peculiares, relacionadas às formas de uso e compreensão do espaço litorâneo, onde as marés assumem protagonismo” (NASCIMENTO; BARBOZA, 2018, p. 244 apud NASCIMENTO, 2021, p.177).

à margem. Bispo dos Santos (2015), por sua vez, denomina por ‘fronteira de pensamento’ o ato de descolonizar palavras, como forma de reapropriação do discurso.

Nessa batalha naval das denominações, a confluência, escrevivência⁶ (EVARISTO, 2017) e o tempo espiralar (MARTINS, 2021) emergem como modos de enfrentamento contra o epistemicídio (CARNEIRO, 2023), cujas práticas educativas precisam ser adaptadas para que o conhecimento permaneça sendo partilhado de forma cíclica e relacional.

A partir das referências teóricas mobilizadas nesta subseção, contribuições significativas sobre a lógica de produção do conhecimento hegemônico foram observadas. Notou-se a persistência de assimetrias na produção epistemológica sobre as comunidades pesqueiras, nas quais, mesmo diante de alguma diversidade de gênero e regionalidade entre os autores, prevaleceu-se uma racionalidade androcêntrica e eurocentrada no campo acadêmico.

2.2 Tradição em movimento: desafios da modernidade e resistência das comunidades pesqueiras

A institucionalização do ideal de “desenvolvimento” como política consolidou uma lógica que, de forma intensa e inquietante (MONTENEGRO, 2012) fez ecoar o que Valderrama Núñez et al. (2022) abordaram em *Ocupaciones colectivas y naturaleza: Efectos de la colonialidad de la naturaleza en comunidades rurales y pesqueiras de Chile por colonialidad da natureza*, que implica em “transformá-la numa trabalhadora explorada pelo capital” (PRADA, 2016 apud VALDERRAMA NÚÑEZ et al., 2022, p. 3, tradução nossa)⁷.

⁶ Seu significado parte do princípio de que cada história individual é inseparável das vivências coletivas, tornando a experiência pessoal uma janela para compreender as lutas, alegrias e resistências compartilhadas por toda uma comunidade.

⁷ O trecho correspondente na tradução nossa é: “*Como era de esperarse las tendencias o procesos aparecían simplemente como actos sucesivos válidos para contextos inmediatos que podían eslabonarse unos a otros para dar dirección a un cambio y sentido a una transformación social de mayor alcance*”.

Uma das principais transformações impostas pelo projeto colonial foi a criação da cosmovisão de “progresso” e “civilização” sobre outras formas de existir no mundo. Este discurso reverberou para além do tempo e foi aplicado ao espaço geográfico, de modo que as diferenças socioculturais passaram a ser compreendidas como se algumas regiões estivessem ‘atrasadas’, enquanto outras “avançadas” (MENESES, 2014).

Tais pressões externas colocam a mudança sob perspectiva dicotômica nas comunidades pesqueiras. Quando impostas, representam uma ameaça às identidades locais. Por outro lado, há aquelas mudanças (internas) necessárias, e que as próprias comunidades reconhecem como essenciais para a sua resiliência e permanência de suas formas de (re)existir.

Em um contexto que busca-se manter viva as tradições, frequentemente associam este esforço à resistência por mudanças. Porém, esta lógica não parte propriamente das comunidades pesqueiras em si, mas de grupos com o pensamento domesticado⁸ (LÉVI-STRAUSS, 1989) que possuem uma compreensão distorcida sobre a adaptação e continuidade dessas tradições.

Como explica Giddens, (1997 apud PERALTA, 2021, p. 94), a tradição se sustenta não por se submeter ao presente, mas por reinterpretar o passado de maneira dinâmica, atualizando-se no espaço-tempo. Essa dialética entre tradição e modernidade manifesta-se nas práticas e saberes da pesca artesanal.

A análise dos modelos de embarcações artesanais atualmente em operação no Brasil, evidencia que estes ainda não atendem plenamente às demandas contemporâneas da pesca artesanal, especialmente frente às exigências de licenciamento, conservação ambiental e adaptação às mudanças climáticas.

⁸ Este tipo de pensamento é associado à civilização ocidental, no sentido de que é estruturado e frequentemente reduzido a sistemas de pensamento que seguem normas e regras específicas.

O subprojeto “Compartilhar é construir: tradição e modernização na pesca artesanal”⁹ exemplifica esse paradoxo. A introdução da fibra de vidro como alternativa à madeira na construção de embarcações buscou responder os desafios contemporâneos – como a escassez de matéria-prima legal e as restrições ambientais – articulando-se ao saber-fazer-ser ancestral e reafirmando a tradição como um elemento ativo para a construção de novas sínteses históricas (CUNHA, 2009, p. 64).

Ainda que existam opções mais sustentáveis – como o uso de fibras plásticas recicladas –, tais tecnologias demandam maior tempo de desenvolvimento. Paralelamente, recomenda-se a modernização da frota artesanal por meio de modelos mais velozes e espaçosos; da criação de licenças integradas para múltiplas modalidades de pesca e da implementação de uma categoria intermediária de embarcações. Essas medidas podem ampliar áreas de atuação dos pescadores, reduzir a sobreexploração de espécies e fortalecer a sustentabilidade e a (re)existência das comunidades pesqueiras.

2.3 Descolonizando o saber: a educação popular contracolonial como ferramenta de resistência nos maretórios

Grada Kilomba (2019) inspirada pela perspectiva de bell hooks (1989, p. 149) reconhece as margens como um “espaço de abertura radical”, no qual as fronteiras opressivas são questionadas, desafiadas e reconstruídas. Para a autora, “a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, op. cit., p. 68).

⁹ Realizadas entre setembro de 2023 e maio de 2024, em um estaleiro localizado em Itaguaí – RJ, as oficinas de construção de embarcação em fibra de vidro envolveram 7 comunidades pesqueiras (Mangaratiba, Ilha de Jaguanum, Baía de Guanabara, Prainha e Pontal em Arraial do Cabo, Trindade em Paraty e Canavieiras na Bahia), com um total de 41 participantes, que resultou na construção de 3 barcos e 4 canoas açorianas. Cada oficina teve duração de 8 dias, incluindo etapas de traslado, recepção dos participantes, entrega dos materiais de apoio, contextualização do subprojeto, apresentação da programação (oficinas práticas e teóricas, refeições, descanso), atividades de avaliação e certificação, e retorno dos participantes às suas comunidades ao final de cada oficina.

Nessa mesma direção, bell hooks (2013) afirma que todos têm algo a contribuir em um ambiente de aprendizado. Essa premissa propaga-se no ‘discurso da incompletude’, conceito abordado por Miranda (2020) em *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*, que propõe a criação de espaços pedagógicos capazes de desestabilizar estruturas hierárquicas de poder e promover trocas genuinamente horizontais.

Por isso, na terceira subseção abordou-se a construção de uma educação popular contracolonial nos maretórios, inspirada nas práticas do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur)¹⁰.

Os aspectos didáticos e pedagógicos que se inseriram nas ações do subprojeto “Compartilhar é construir...” fundamentou-se em práticas dialógicas e participativas, expressas em dinâmicas como os acordos de convivência, que garantiram o respeito e o diálogo entre os participantes; o tangram¹¹, que simbolizou o saber coletivo; *check-list* e o recapitulando, que incentivaram a autoavaliação e a reflexão durante o ensino-aprendizagem; e a cerimônia de encerramento, que consolidou a partilha de experiências e conclusão do processo de aprendizado, através dos registros fotográficos e das cartas ‘Oráculo do Pão’.

Assim, a prática pedagógica do subprojeto assemelha-se a uma embarcação movida pelo esforço conjunto de sua tripulação: cada participante aporta um saber próprio que, ao ser compartilhado, impulsiona a travessia coletiva.

Conforme argumenta Bispo dos Santos (2023), o contracolonialismo ultrapassa a mera denúncia ao sistema – característica da decolonialidade – e se concretiza como a promoção ativa dos modos de viver tradicionais. Nesse horizonte, a decolonialidade corresponde ao

¹⁰ Para mais informações sobre o Grupo de Estudos GEASur, acesse: <https://www.geasur.com/about-1>

¹¹ Jogo de quebra-cabeça geométrico chinês, composto apenas por sete peças, que podem ser rearranjadas e formar uma variedade de figuras.

campo teórico, a descolonialidade ao percurso metodológico e a contracolonialidade à práxis transformadora.

A adoção de tecnologias sociais (informação verbal)¹² no subprojeto, também pode ser destacada como um desdobramento dessa postura contracolonial. Por serem caracterizadas pela sua adaptabilidade ao contexto local e pelo envolvimento ativo das comunidades durante a sua elaboração, desenvolvimento e gerenciamento, tais tecnologias configuram uma confluência entre práticas sociais e intervenções tecnológicas (BUSKO; DE-CARVALHO, 2019). Essas experiências vão além do atendimento às necessidades imediatas e contribuem para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

As práticas educativas ancoradas no paradigma popular/descolonial exigem o rompimento com o “colonialismo intelectual, o tradicionalismo pedagógico e o autoritarismo da ciência moderno-colonial” (NETO, 2018, p. 15), na contramare de estruturas educacionais hegemônicas e desbravando águas inexploradas em direção a novas formas de produção, manutenção e atualização do conhecimento. Um exemplo disso é a Escola das Marés e das Águas¹³ que representa uma conquista histórica, alcançada após anos de luta em defesa de uma educação superior diferenciada.

Por fim, compreender a prática contracolonial/popular como um campo de possibilidades significa transcender a ruptura com as influências coloniais. Trata-se de promover uma emancipação pedagógica que permita retornar e afirmar a própria identidade, em um movimento contínuo de “descolonização das mentes”. É como caminhar livremente dentro da

¹² Podcast Prato Cheio. Episódio “o rio vai virar mar”, disponível no Spotify, Rio de Janeiro, no dia 22/10/2023.

¹³ Rede Nacional articulada e protagonizada pela CONFREM Brasil, em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), instituições de ensino superior, e outras organizações, que reúne diferentes atores sociais comprometidos com o fomento dos cursos de nível superior aprovados no edital nº 25/2023 da Universidade Aberta do Brasil (UAB/CAPES).

própria cultura, sem sucumbir à mimetização da cultura invasora (MORETTI; ADAMS, 2017 apud COSTA, 2021).

Assim, a educação popular é um movimento contínuo de retomada, afirmação e reinvenção dos saberes nos maretórios.

3 Considerações Finais

As reflexões tecidas no Trabalho de Conclusão de Curso e apresentadas neste artigo, permitiram alcançar os objetivos da pesquisa, cujo primeiro objetivo consistiu em reunir, por meio de um levantamento bibliográfico, um panorama dos (des)caminhos da educação tradicional nas comunidades pesqueiras. Essa análise evidenciou lacunas e fragilidades no modelo vigente de ensino-aprendizagem, no que se refere ao reconhecimento das especificidades dos saberes locais.

Contudo, ainda foi possível identificar um movimento crescente de autores/pesquisadores nacionais comprometidos em denunciar essas ausências e propor novas referências, revelando como o perfil dos autores influencia as interpretações e os enfoques adotados na construção do conhecimento.

O segundo objetivo, destacou o subprojeto “Compartilhar é Construir...” como um potente ensaio para a navegação de uma rota contracolonial já em curso. O processo de construção das embarcações, em diálogo entre saberes ancestrais e demandas contemporâneas, mostrou-se como uma área de ressurgência de ressignificação das práticas e ampliação dos horizontes de possibilidades às comunidades pesqueiras.

O terceiro objetivo apontou para as potencialidades de uma educação popular contracolonial nos maretórios fluminenses. As oficinas de construção de embarcações evidenciaram que o ensino, quando orientado por princípios dialógicos e pela valorização das

tradições, pode constituir-se em ferramentas de reivindicação dos modos de saber e de suas epistemologias.

Inspirado em Paulo Freire (1987), este trabalho compreende que reconhecer a realidade concreta como limitante, mas não definitiva, é condição essencial para o engajamento em ações libertadoras. Identificar criticamente as “situações-limites” e conceber, a partir delas, “inéditos-viáveis”, significa abrir espaço para a imaginação de novas possibilidades de caminhos coletivos de transformação social.

Assim, este trabalho é um convite à continuidade da travessia. Que novos espaços epistemológicos possam emergir dos berços das margens, e que a pluralidade de saberes siga transbordando e navegando por águas de possibilidades, desembarcando rumo a uma educação que celebra e (re)existe nas práticas e vivências das comunidades pesqueiras.

4 Referências Bibliográficas

ALVES, T. dos S. **Território pesqueiro: entre terra, água e educação**. Giramundo, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 31-41, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_1._alves_territoriopesqueiro.pdf>

BISPO DOS SANTOS, A. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, 2015. Disponível em:

<http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf>

_____. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. p. 112. Disponível em: <<https://share.google/mAoEwAEzYztGZInDm>>

BUSKO, P. S.; DE-CARVALHO, R. **Produção autoral de tecnologias sociais por investigação-ação participação no ensino de ciências**. #Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.8, n.1, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3321/2323>>

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, C. A. **Decolonialidade e Questão Ambiental Crítica**: um debate à luz de Paulo Freire. In: ACCIOLY, I. et al. Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade. Ensino, Saúde e Ambiente. v.14, n. esp. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/issue/view/2584>>

CUNHA, L. H. de O. **O mundo costeiro**: temporalidades, territorialidades, saberes e alternativas. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 59-67, jul./dez. 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16455/10942>>

EVARISTO, C. **Becos da memória**. 3. ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf>

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997 apud PERALTA, N. **Decolonialidade e saberes tradicionais em práticas científicas na Amazônia**. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 87 107, set./dez. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/41582/37705>>

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: <<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/files/2021/01/ensinando-a-transgredir-bell-hooks-2017.pdf>>

_____. **Talking Back: Thinking Feminist, Talking Black.** Boston: South End Press, 1989 apud KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano:** Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://share.google/jeL31Q1r9djiiUoSL>>

JOAQUIM, B. dos S.; OLIVEIRA, L. M. P. de. **Paulo Freire na genealogia da pedagogia decolonial: uma leitura de Extensão ou Comunicação?** Inter Ação, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 914-929, set. 2021. Edição Especial. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68056/37244>>

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano:** Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2019.

MIRANDA, E. O. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afrobrasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>>

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989. Disponível em: <<https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Pensamento%20Selvagem003.pdf>>

MAIA, B. S. R.; MELO, V. D. S. de. **A colonialidade de poder e suas subjetividades.** Teoria e Cultura, Juiz de Fora, MG, v. 15, n. 2, p. 231-241, jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132/21554>>

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política.** Tradução de Ângela Lopes Norte. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p. 287-324, 2008 apud MAIA, B. S. R.; MELO, V. D. S. de. **A colonialidade de poder e suas subjetividades.** Teoria e Cultura, Juiz de Fora, MG, v. 15, n. 2, p. 231-241, jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132/21554>>

_____. **Histórias locais / projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em:

<https://monoskop.org/images/7/7e/Mignolo_Walter_D_Historias_locais_projetos_globais_2003.pdf>

_____. **Histórias locais / projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.

Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003 apud JOAQUIM, B. dos S.; OLIVEIRA, L. M. P. de. **Paulo Freire na genealogia da pedagogia decolonial:** uma leitura de Extensão ou Comunicação? Inter Ação, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 914-929, set. 2021. Edição Especial.

MONTENEGRO, J. **Povos e comunidades tradicionais, desenvolvimento e decolonialidade:**

articulando um discurso fragmentado. Revista OKARA: Geografia em debate, v. 6, n. 1, p. 163-174, 2012. Disponível em:

<<http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/4156f3b0a11e8daa11282b1530365a653faf6c27.pdf>>

MORETTI, C.; ADAMS, T. **Mediações pedagógicas e (des)colonialidade:** a contribuição da pedagogia do oprimido. In: ADAMS, T.; STRECK, D; MORETTI, C. (org.). Pesquisa-educação: mediações para a transformação social. Curitiba: Appris, 2017. apud COSTA, C. A. **Decolonialidade e Questão Ambiental Crítica:** um debate à luz de Paulo Freire. In: ACCIOLY, I. et al. Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade. Ensino, Saúde e Ambiente. v.14, n. esp. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/issue/view/2584>>

NASCIMENTO, J. R.; BARBOZA, R. S. L. **Dos seringais aos Maretórios:** R-Existências nas RESEX Marinhas da Amazônia. In: TEISSERENC, P.; TEISSERENC, M. J. da S. A.; ROCHA, G. de M. (Orgs.) Gestão da água: desafios sociopolíticos e sociotécnicos na Amazônia e no Nordeste brasileiros. Belém: NUMA/UFGA, 2020. p. 234-265 apud _____. **Nos Maretórios da Amazônia:** os desafios da gestão compartilhada nas Reservas Extrativistas Marinhas do nordeste do estado do Pará. 2021. 226 f. Tese

(Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20072022-165622/publico/2021_JosinaldoReisDoNascimento_VCorr.pdf >

NETO, J. C. da M.; **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas. v. 26, n. 84, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326558991_Por_uma_pedagogia_decolonial_na_America_Latina_Convergencias_entre_a_educacao_popular_e_a_investigacao-acao_participativa>

NOGUEIRA, R. Entrevista concedida ao podcast Prato Cheio. Rio de Janeiro. 22 out. 2024. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5M5YtHTYV6GR80U1pnVARL?si=985e868880b748e9>>

PERALTA, N. **Decolonialidade e saberes tradicionais em práticas científicas na Amazônia**. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 87 107, set./dez. 2021.

PRADA, R. **Autonomías y descolonización**. In: García, L.; Lopez, P. (comp.), **Pueblos originarios em lucha por las autonomías**: experiencias y desafíos em América Latina. El Colectivo; CLACSO; La Paz: CIDES/UMSA. Posgrado en Ciencias del Desarrollo, p. 59-88. 2016 apud VALDERRAMA NÚÑEZ, C. M. et al. **Ocupaciones colectivas y naturaleza**: Efectos de la colonialidad de la naturaleza en comunidades rurales y pesqueras de Chile. Journal of Occupational Science, v. 29, n. 1, p. 1-20, mar. 2022.

RIBARIC, A. **Maritimidade**: patrimônio cultural e formas tradicionais de apropriação social do território marítimo. Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFCAT, v. 17, n. 2, p. 39-56, jul.-dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/emblemas/article/view/66626/35724>>

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003. Disponível em: < https://zonamenosum.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/livro_vandana_shiva-monoculturas_da_mente.pdf>

VALDERRAMA NÚÑEZ, C. M. et al. **Ocupaciones colectivas y naturaleza**: Efectos de la colonialidad de la naturaleza en comunidades rurales y pesqueras de Chile. Journal of Occupational Science, v. 29, n. 1, p. 1-20, mar. 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/359009729_Ocupaciones_colectivas_y_naturaleza_Efectos_de_la_colonialidad_de_la_naturaleza_en_comunidades_rurales_y_pesqueras_de_Chile>